

SEXUALIDADE NA VELHICE: SILÊNCIO DISCRETO

Marcelo Cardoso Santana¹

SEXUALITY IN OLD AGE: DISCREET SILENCE

Resumo: Diante do atual crescimento da população idosa e do aumento da expectativa de vida, surge a necessidade de a sociedade refletir sobre a sexualidade no processo de envelhecimento. O assunto, entretanto, é revestido de mitos, tabus e preconceitos. Sua abordagem integral deve considerar as questões psicológicas, sociais, culturais que destacam os aspectos sentimentais, emocionais e afetivos. A revisão de literatura da área aponta que na velhice podem se unir o prazer dos sentidos, a experiência vivida, a sabedoria, a despreocupação e a capacidade de alcançar a intimidade.

Palavras-chave: idoso; envelhecimento; sexualidade; velhice.

Abstract: In the face of the growth of the elderly population as well as the increase in life expectancy, there is a need for society to reflect on sexuality during the later years in life. This subject, however, is surrounded by myths, taboos and prejudices. Its comprehensive approach should consider the psychological, social, cultural issues that highlight the sentimental, emotional and affective aspects. The specific literature review points out that people can meet pleasure of senses, the lived experience, wisdom, insouciance and the ability to achieve intimacy, particularly in old age.

Keywords: elderly people; aging; sexuality; old age.

¹Psicólogo. Mestre em Gerontologia – UNICAMP/SP. Especialista em Educação Sexual pelo Centro Universitário Salesiano (UNISAL). Email : cardosomcsc@hotmail.com

O panorama da velhice no Brasil

A preocupação com o tema da velhice é uma questão pós-moderna e atual. Denominada por pesquisas e pela mídia como “terceira idade”, “melhor idade”, “feliz idade”, “maturidade”, “envelhecimento”, essa fase da vida se estabelece cada vez mais enquanto foco de estudo acadêmico e assunto da própria sociedade.

Desde o nascimento, nas diferentes etapas da vida, enfrentamos perdas e crises; algumas superáveis, outras não. Na velhice, as mudanças se aceleram, considerando que o tempo para superá-las é menor. Com o avançar dos anos, as perdas tornam-se mais significativas: o surgimento de doenças crônicas, a viuvez, morte de amigos e parentes, ausência de papéis sociais valorizados, isolamento crescente e dificuldades financeiras.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) caracteriza a velhice como um processo composto por um conjunto de modificações morfológicas e psicológicas ininterruptas à ação do tempo sobre as pessoas, podendo ser entendido como um processo de otimização das oportunidades de saúde, segurança e participação social, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas (OMS, 1998).

Ana Amélia Camarano, pesquisadora do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), relata que, em 1994, a expectativa de vida, ao nascer da população brasileira, foi estimada em 68,1 anos. Entre 1994 e 2010, esse indicador aumentou 5,3 anos, e entre 2003 e 2010, 2,1 anos, alcançando 73,4 anos em 2010. Esse aumento tem sido acompanhado por uma melhoria das condições de saúde física, cognitiva e mental da população idosa bem como de sua participação social. Por exemplo, em 2011, 57,2% dos homens de 60 a 64 anos participavam das atividades econômicas. No entanto, o mínimo de 60 anos continua sendo a idade cronológica que classifica a população como idosa (CAMARANO & KANSO, 2009).

Esse aumento da expectativa de vida é mais impressionante entre idosos acima de 80 anos. Camarano e Kanso (2009) ressaltam o impacto que essa população de 80 anos de idade ou mais incide em novos arranjos familiares e no papel social da mulher, tradicional cuidadora da família. As autoras apontam que a faixa etária dos 80 anos representaria, em 2010, 14% da população idosa e 1,5% da brasileira e, para o ano de 2040, será de 7% da população total, ou seja, uma estimativa de 13,7 milhões de pessoas com idade acima de 80 anos.

Essas cifras confirmam que o perfil epidemio-

lógico da população brasileira alterado-se em consequência da inversão da pirâmide populacional, não somente por causa do envelhecimento e da queda de natalidade, mas também em decorrência da maior urbanização e menores índices de pobreza extrema.

Sexualidade e velhice

O conceito de sexualidade, no mínimo, está condicionado à forma como a pessoa expressa seu sexo, através do relacionamento com o outro, em termos da manifestação dos gestos, da postura, da fala, do caminhar, do tom da voz, do vestuário, dos acessórios, enfim cada detalhe individual. A sexualidade faz parte da constituição da identidade humana, portanto é importante para o bem-estar e a qualidade de vida. A sexualidade, porém, não é sinônimo de genitalidade; ela é muito mais, já que transcende a função sexual para se inserir nas relações afetivas e pessoais (ROHDEN, 2011, VIDAL, 2002). Logo, sexualidade não pode ser reduzida e determinada ao prazer orgástico, mas como uma integração biológica, psicológica e social do ser sexuado, visando à integração da personalidade nessas dimensões e, conseqüentemente, resultando numa melhora da qualidade de vida. Escrever sobre o tema, portanto, não é simples. O estudo envolve, assim, multidisciplinaridade de conceitos.

Atualmente, as pesquisas sobre sexualidade tendem a superestimar o desempenho físico, “o fazer sexual”. Quando, porém, é abordado o envelhecimento, o assunto se restringe à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, a alterações biológicas da função sexual, a hormônios, à andropausa e à menopausa. A escassez de estudos que contemplam os fatores que interferem ou beneficiam a vivência da sexualidade na velhice permanecem praticamente invisíveis, pois a sociedade atual ainda priva os idosos da possibilidade de pensarem sua sexualidade. De forma geral, a sociedade considera os idosos assexuados em todas as dimensões e perspectivas da sexualidade: tabus, mitos, preconceitos e estereótipos dificultam não somente essa atividade, mas também a possibilidade de novos relacionamentos amorosos.

O desafio se torna ainda maior quando estudos sobre envelhecimento e sexualidade são comparados, já que as dificuldades começam na definição conceitual e na compreensão do significado de mitos, tabus, estereótipos e preconceitos que geralmente apontam para o modelo de um idoso assexuado. Moraes (2011) cita alguns exemplos dessas frases e mitos: os idosos não têm vida sexual; não têm fantasias sexuais; não são mais ativos sexual-

mente; a sexualidade termina com a menopausa/andropausa; não sente desejo, atração, amor erótico; não se masturba, não faz reposição hormonal; são dependentes de estimulantes sexuais; são impotentes e/ou frígidos.

Para expandir o conceito da sexualidade expressa pelos idosos, é preciso compreender algumas variáveis: aspectos da saúde física; mitos, preconceitos e estereótipos; doenças sexualmente transmissíveis; aspectos psicológicos; e o sentimento de afeto.

A maioria das pesquisas sobre velhice e sexualidade tem como objeto de estudo os aspectos biológicos que podem afetar o funcionamento e desejo sexual, como as modificações corporais, a menopausa, a andropausa, a frigidez, a disfunção erétil, as doenças relacionadas à idade. Dessa forma, a sexualidade fica restrita ao ato sexual, sem considerar as questões psicológicas, sociais e culturais, as quais destacam os aspectos sentimentais, emocionais e afetivos que envolvem uma relação a dois.

Alguns estudos e pesquisas de geriatras, gerontólogos, ginecologistas e urologistas focam nas disfunções da sexualidade, destacando-se a síndrome do climatério e a disfunção erétil. Outras pesquisas da área social, entretanto, buscam associar a atividade sexual na velhice à qualidade de vida (SILVA, 2009). Qualidade de vida, segundo a OMS (1998), é “a percepção individual da sua posição na vida no contexto da cultura e sistemas de valores nos quais se insere e em relação aos seus objetivos, padrões e preocupações”. O conceito, porém, é extremamente subjetivo e varia conforme o nível sociocultural, a faixa etária e as aspirações do indivíduo.

Capodiecì (2000) enfatiza algumas ações expressas pelos idosos no tocante a temas ligados à sexualidade: silêncio discreto; aversão ao assunto; piada de gozação; a sexualidade vista somente como genitalidade.

Canella (2003) propõe que parte da estrutura da sociedade ocidental tem a representação social do idoso com desapego de tudo aquilo que sugere sexo, diferentemente da fase vivenciada pelos jovens.

As mulheres são consagradas e responsabilizadas pelo exercício de cuidadoras dos netos, pais, parentes e amigos. As “vovós cuidadoras” recebem o reconhecimento nominal positivo: honrada, virtuosa, maternal, vovozinha, mãezinha. Quando não correspondem aos papéis de cuidadora, entretanto, são frequentemente chamadas como alcoviteira, fofoqueira, interesseira, ridícula. A velhice dos homens, por vezes, é menos estereotipada: se existir uma relação de poder financeiro, com um reconhecimento positivo são classificados com: honradez,

serenidade, comedimento, experiência e sabedoria; negativo, ultrapassado, antiquado, desatualizado, improdutivo, inútil.

Caridade (2005) destaca que a sociedade atual superestima o desempenho sexual, nicho largamente explorado pelas indústrias farmacêuticas. Esse desempenho, para Giami (2009), é o “fazer sexual”, enquanto que o oposto seria o “viver sexual”.

O “fazer sexual”, segundo Santos (2011), desperta na velhice questões e discussões revestidas de crenças e preconceitos referentes à velhice e à sexualidade e sobre como podem ser vivenciados de uma forma melhor.

Os estudos de Provinciali (2005), apresentados no artigo “Atitudes sociais sobre AIDS e velhice”, apresentam dados que refletem a prevalência de concepções errôneas sobre como o idoso se comporta. Entre estas crenças sociais encontram-se aquelas que afirmam que: pessoas idosas não estão mais interessadas em sexo; se acaso estiverem interessadas, ninguém está interessado nelas; se elas fazem sexo, é num contexto de um relacionamento heterossexual e monogâmico.

Apesar destes mitos de que o idoso não está interessado em sexo, nem possui uma vida sexual ativa, Rufino e Arrais (2011) alertam para o fato de que as pessoas, nessa faixa etária estão sim engajadas em atividades sexuais e encontram, na expressão sexual, uma importante e satisfatória parte de suas vidas.

Entre os mitos e estereótipos, o mais evidente é que o idoso não vivencia sua sexualidade, seja ela na expressão do viver, no exercício do prazer, na comunicação e amor entre duas pessoas ou no conhecimento do seu corpo e do corpo do outro.

Murgieri (2011), ao tratar das representações sociais de gênero e envelhecimento, afirma que ideias ou formas de pensamento social generalizadas e transmitidas entre as gerações têm o poder de estigmatizar o que é esperado do comportamento humano na fase da velhice, e que possibilitam comportamentos discriminatórios e preconceituosos.

O estado da arte: pesquisas sobre a vida sexual do idoso

Através das pesquisas científicas sobre sexualidade e envelhecimento, é possível esclarecer a veracidade e encontrar respostas para as dúvidas, os mitos, os tabus e os preconceitos que envolvem o silêncio sobre a sexualidade dos idosos.

Silva, Marques e Lyra-da-Fonseca (2009), numa revisão de textos gerontológicos e geriátricos sobre a sexualidade, propõe que as produções aca-

dêmicas devem respeitar o pluralismo do conceito da sexualidade e que a prática sexual não pode ser pautada pela moral da sexualidade única e homogênea. Os autores assumem um posicionamento político a favor da liberdade dos indivíduos para manter a atividade sexual após os 60 anos, independentemente dos padrões culturais construídos socialmente.

Rufino e Arrais (2011) destacam que as melhorias nas condições socioeconômicas, culturais e de saúde, os avanços em tecnologia médica, o aumento da expectativa de vida e qualidade de vida da população refletem implicações psicossocioculturais na sexualidade para lidar com a AIDS na idade avançada. Segundo as autoras, esse novo contexto possibilitou a uma parcela de idosos a plena vivência do ato sexual e também a possibilidade de contrair doenças sexualmente transmissíveis. O Centro de Referência e Treinamento apresenta dados que, entre os cerca de 15 milhões de idosos no Brasil, 2,1% adquiriram AIDS, e esse número tende a aumentar (BRASIL, 2007).

Vasconcellos, D; Novo, R. F.; Castro, O. P.; Dury, K. V.; Ruschel, A.; Couto, M. C. P. P.; Colomby, P.; Giami, A. (2004) realizaram uma comparação transcultural da sexualidade no processo do envelhecimento e suas novas perspectivas. Os autores pesquisaram 87 pessoas na faixa etária de 52 a 90 anos que frequentavam universidades de terceira idade e clubes de convivência no Brasil e Portugal, a fim de comparar as duas culturas. A metodologia do tipo inquérito foi realizada através de um instrumento autoadministrado (questionário) que visava identificar conhecimentos, atitudes, crenças e práticas na área da saúde e da sexualidade. Os dados coletados identificam que a maioria dos entrevistados cresceu numa sociedade restritiva em que a curiosidade sobre a sexualidade era raramente trabalhada. A maioria das pessoas afirma que tiveram uma vida sexual satisfatória e metade das mulheres afirmaram terem sonhos eróticos. Os entrevistados relataram também que mantêm relações sexuais pelo menos uma vez por mês: 24% das mulheres brasileiras, 38% das portuguesas, 75% dos homens portugueses. Aproximadamente 80% das brasileiras, 57% das portuguesas e 96% dos portugueses consideram a satisfação sexual importante para o sucesso do casamento, mas apenas praticamente metade dos que vivem como casal se considerou sexualmente satisfeito.

Berger (2012) realizou uma pesquisa sobre a percepção do erotismo e sexo em mulheres da terceira idade. A metodologia utilizou uma pesquisa comparativa de entrevistas entre dois grupos de

mulheres de classes sociais distintas, nascidas nas décadas de 1930, 1940 e 1950 que tiveram educação católica ou evangélica e aprenderam como preceito básico que casamento é vitalício e que só termina com a morte de um dos cônjuges ou, em geral, com fatos extraordinários, como um filho fora do casamento. A autora resgatou nos discursos que entre as casadas o sexo diminuiu, porém não acabou, sendo visto como algo natural, mas que, ao mesmo tempo, precisa ser cultivado.

A pesquisa de Berger (2012) identificou que, para as mulheres separadas e que estão vivendo uma nova paixão, o sexo nesta fase de vida foi uma revelação e uma experiência de se desvencilhar das “amarras do passado”, ao mesmo tempo que fazer novas descobertas: parceiros mais jovens, fantasias sexuais que não tinham coragem de realizar com os maridos, orgasmos mais frequentes. A autora destaca que “as entrevistadas elaboraram representações que dependeram de contextos específicos, de subjetividades, de necessidades inerentes a cada entrevistada” (BERGER, 2012, p. 143)

Catusso (2005) relata que um dos aspectos que fortemente influenciam negativamente no exercício da sexualidade dos idosos é o núcleo familiar. Por questão de sobrevivência financeira, os idosos agregam seus rendimentos, portanto alguns lares são compostos por muitos membros, convivendo na mesma casa várias gerações (pais, filhos e netos). Essas moradias muitas vezes são inadequadas em termos de cômodos, banheiros, ou seja, o mínimo que proporcione privacidade.

Ferreira (2009) realizou uma pesquisa no Centro de Convivência do Idoso com 176 idosos cadastrados. Essa pesquisa teve como objetivo levantar qualitativamente o pensamento dos idosos sobre o sexo em idade avançada, conhecer a percepção dos idosos em relação ao preconceito do sexo nessa idade e determinar se existe um motivo pelo desinteresse do sexo. Do total de cadastrados, somente 44 responderam ao questionário, que obteve os seguintes resultados: 70,45% declararam que não praticavam sexo; o restante, uma vez por semana, e, desses, 53,84% revelaram não ter múltiplos parceiros. A conclusão dos autores, com base nas respostas das mulheres entrevistadas, é de que aprenderam a ser submissas ao homem, e o sexo era considerado obrigação do casamento ou somente para maternidade. Quanto aos homens, tendem a não admitir a perda da vitalidade sexual e tentam esconder que já não apresentam o vigor físico de antigamente. Desta feita, o autor propõe que, além da sociedade, os próprios idosos impõem para si uma imagem estereotipada da velhice e que, com o

passar dos tempos, a expressão do desejo e o sexo já não dizem mais respeito ao avançar da idade.

A viuvez no senso comum se associa com os aspectos negativos na vida das pessoas e, na maioria das vezes, coincide com a fase da velhice. Zavala (2011) realizou uma pesquisa sobre a percepção e os significados da viuvez, solidão e sexualidade na velhice. A autora interessou-se pelo tema pelo fato de que com o aumento da expectativa de vida, a viuvez estatisticamente relaciona-se com a população acima dos 60 anos. Na revisão da literatura, alguns fatores associados à viuvez foram: vulnerabilidade econômica derivada da viuvez, perda da identidade, experiência de luto, sentimentos de solidão, consideração do suicídio, necessidade de companhia e novas núpcias. A pesquisa destaca que, por parte dos idosos, existe a consciência da necessidade de afeto e companhia, permitindo a reflexão sobre a sexualidade e o prazer e que, nessa situação, os filhos nem sempre são os melhores para propiciar apoio.

Figueredo (2007) realizou um estudo no Programa Terceira Idade em Ação (PTIA) sobre as diferenças de gênero na velhice. As questões pesquisadas circundaram os papéis masculinos e femininos vivenciados por homens e mulheres no processo de envelhecimento. As metodologias utilizadas foram entrevistas semiestruturadas (as emissões das falas dos entrevistados foram transcritas e categorizadas). O resultado do estudo indica que os valores e padrões socioculturais do comportamento humano estão presentes no cotidiano de homens e mulheres que envelhecem e determinam a possibilidade da ocorrência de eventos e atitudes que podem se tornar limitantes ou podem gerar possibilidade para a melhora da qualidade de vida. A investigação da pesquisa conciliada com a literatura indica que mulheres idosas podem apresentar melhor adaptação às perdas físicas, emocionais e sociais, decorrente da busca de informações fundamentais para o autocuidado e atitudes mais saudáveis.

Canosa (2013), pesquisando o tema "Olhando para o futuro: educação e prevenção em saúde sexual", destaca a importância da sexualidade como uma dimensão básica da vida humana, que necessita de atenção, cuidado e educação. A autora propõe que a educação sexual deve ser entendida como um processo amplo a partir do núcleo familiar, escolar e das demais instituições. Os profissionais, sejam agentes de informação ou formação, professores da área da saúde ou religiosos devem participar da construção do "saber sexual" que se desenvolve intensamente na infância e juventude e se organiza na maturidade.

Considerações finais

Diante do exposto, as expressões da sexualidade estão intimamente ligadas às vivências pessoais anteriores, ao contexto e ao modo de percepção das próprias modificações físicas, psicológicas, sociais. Indivíduos com maior autoaceitação, portanto, têm possibilidade de quebrar mitos, tabus, crenças e preconceitos, além de resignificar a vida e melhorar sua qualidade de vida.

A sexualidade na velhice pode ser vivenciada de diversas maneiras e pode ocorrer como uma forma de expressão verdadeira de carinho. Esses sentimentos não se perdem com o tempo, como afirmado por alguns idosos. Vasconcelos (1994) afirma que amor e sexo podem significar para os idosos: oportunidade de expressar afeto, admiração e amor; afirmação do corpo e descoberta de seu funcionamento; prova de que os corpos dos idosos ainda são capazes de funcionar bem e causar prazer; forte percepção de suas identidades – e o impacto que causam em outras pessoas; sentir-se "feminina" ou "viril" está ligado a sensações muito valorizadas.

Por fim, o tema sexualidade e velhice continua sendo de difícil compreensão por parte da sociedade. A sexualidade é parte da constituição da identidade humana, portanto é importante para o bem-estar e para a qualidade de vida na fase da velhice. Existem outras formas e possibilidades de se amar, construindo ou aproveitando a construção dos alicerces da idade avançada para se amar, purificando o amor da paixão, tornando-o mais sensual do que genital. Alguns idosos esforçam-se para falar a linguagem do coração com palavras mais sinceras e espontâneas e com silêncios carinhosos. Assim, para eles, um olhar ou uma carícia pode valer mais do que muitas declarações de amor.

Referências

BERGER, M. "Amor sem sexo é amizade. Sexo sem amor é vontade": Vida sexual na terceira idade. *Revista Kairós Gerontologia*, São Paulo, v. 15, n. 8, p. 127-154, dez. 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Plano integrado de enfrentamento e feminização da epidemia de AIDS e outras DST*. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

CAMARANO A. A.; KANSO, S. *Perspectivas de crescimento para a população brasileira: velhos e novos resultados*. Rio de Janeiro: IPEA, 2009.

CANELLA, P.; JURBERG, M. B.; ARAÚJO, M. L. M. de.

Envelhecimento e sexualidade – medidas preventivas. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 175-192, 2003.

CANOSA, A.; RIBEIRO, M.; ZACHARIAS, R. Olhando para o Futuro: Educação e prevenção em saúde sexual. In: DIEHL, A.; VIEIRA, D. L. *Sexualidade do prazer ao sofrer*. São Paulo: Roca, 2013.

CAPODIECI, S. *A idade dos sentimentos: amor e sexualidade após os sessenta anos*. Bauru: EDUSC, 2000.

CARIDADE, A. A sexualidade no envelhecer. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 207-218, dez. 2005.

CATUSO, M. C. Rompendo o silêncio: desvelando a sexualidade em idosos. *Revista virtual textos e Contextos*, v. 4, 2005.

FERREIRA, K. da S. et al. Percepção dos idosos perante o sexo na idade avançada. *Revista Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, p. 182-188, 2009.

FIGUEREDO, M. do L. F. et al. As diferenças de gênero na velhice. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 60, n. 4, p. 422-427, jul. 2007.

GIAMI, A. Da impotência à disfunção erétil. Destinos da medicalização da sexualidade. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, v. 19, n. 3, p. 637-658, 2009.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: Perfil do idoso responsáveis por domicílios no Brasil. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/perfilidoso/perfidosos2000.pdf>>. Acesso em: 01 maio 2015.

MORAES, K. M. et al. Companheirismo e sexualidade de casais na melhor idade: cuidando do casal idoso. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 14, n. 4, p. 787-798, 2011.

MURGIERI, M. Erótica, sexualidad y vejez en una institución geriátrica. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, v. 14, p. 151-161, dez. 2011.

OMS. Declaração elaborada pelo Grupo de Trabalho da Qualidade de Vida da OMS. Publicada no glossário de Promoção da Saúde da OMS de 1998. OMS/HPR/HEP/ 98. Genebra: *Organização Mundial da Saúde*, 1998.

PROVINCIALI, R. M. O convívio com HIV/aids em pessoas da terceira idade e suas representações: vulnerabilidades e enfrentamento. 2005. Dissertação (Mestrado) - *Curso de Psicologia, Departamento de Psicologia e Educação*, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005.

ROHDEN, F. O homem é mesmo a sua testosterona: promoção da andropausa e representações sobre sexualidade e envelhecimento no cenário brasileiro. *Horizonte antropológico*, v. 17, n. 35, jun. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832011000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 ago. 2013.

RUFINO, M. R. D.; ARRAIS, A. da R. Sexualidade e AIDS na Velhice: novo desafio para Universidade da terceira Idade. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, v. 14, n. 5, p. 221-241, dez. 2011.

SANTOS, A. F. de M.; ASSIS, M. de. Vulnerabilidade das idosas ao HIV/AIDS: despertar das políticas públicas e profissionais de saúde no contexto da atenção integral: revisão de literatura. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 14, n. 1, p. 147-157, 2011.

SILVA, V. X. de L.; MARQUES, A. P. de O.; LYRA-DA-FONSECA, J. L. C. Considerações sobre a sexualidade dos idosos nos textos gerontológicos. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 12, n. 2, p. 295-303, 2009.

VASCONCELLOS, D.; NOVO, R. F.; CASTRO, O. P.; DURY, K. V.; RUSCHEL, A.; COUTO, M. C. P. P.; COLOMBY, P.; GIAMI, A. A sexualidade no processo do envelhecimento: novas perspectivas – comparação transcultural. *Estud. psicol. (Natal)*, v. 9, n. 3, dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 ago. 2013.

VASCONCELOS, M. de F. Sexualidade na 3ª Idade. In: *Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia*. Caminhos do envelhecer. Rio de Janeiro: Revinter, 1994.

VIDAL, M. *Ética e sexualidade*. São Paulo: Loyola, 2002.

ZAVALA, V. M. de O. Viuvez, soledad y sexualidad en la vejez: mecanismo de afrontamiento y superación. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, v. 14, n. 5, p. 73-107, dez. 2011.